

O LÚDICO ATRAVÉS DE DINÂMICAS VIVENCIADAS NA NATUREZA CONTRIBUINDO PARA A FORMAÇÃO DE EDUCADORES AMBIENTAIS

Vanessa Andretta; Paul K. F. Karnopp; Renato L. G. Macedo; Maria R. Vitorino; Sâmara B. Macedo; Nelson Venturini

Instituição: Universidade Federal de Lavras- Departamento de Ciências Florestais E Departamento de Educação Física

E-mail: vanessa.tur@gmail.com

Eixo 4 - Ensino, pesquisa e extensão em Ecoturismo no Brasil

INTRODUÇÃO

Os problemas ambientais atuais tem trazido à tona discussões amplas e permanentes sobre as possíveis soluções para os principais problemas que afligem toda a humanidade.

A ciência e a tecnologia oscilam nos papéis de “mocinhos e vilões”, trazem novidades e estudos que geram grandes impactos e ao mesmo tempo trabalham para garantir a sustentabilidade do planeta.

Suscitar novas discussões sobre as soluções para os problemas ambientais são sempre válidas, porém o que já é um consenso é que a educação é o principal alicerce para a construção de uma sociedade sustentável.

De acordo com FREIRE (2000) educar é construir, é libertar o homem do determinismo, passando a reconhecer o papel da História e a questão da identidade cultural, tanto em sua dimensão individual, como em relação à classe dos educandos. Sem respeitar essa identidade, sem autonomia, sem levar em conta as experiências vividas pelos educandos, o processo será inoperante, somente meras palavras despidas de significação real. A educação é ideológica, mas dialogante, pois só assim pode se estabelecer a verdadeira comunicação da aprendizagem entre seres constituídos de almas, desejos e sentimentos.

Almejar uma sociedade sustentável é investir em mudanças de atitudes, que são possíveis somente a partir da revisão de valores e sentimentos, por isso é preciso resgatar o vínculo afetivo das pessoas com o ambiente. ALVES (1984) reconhece que o aprendizado não passa apenas pela razão, mas envolve questões de natureza afetiva e nos brinda com a afirmação: além de saber é imprescindível sentir.

Para formar educadores ambientais devemos pensá-los como agentes participativos que tornarão possível a reaproximação do homem com a natureza, de forma que

educadores e seus educandos participem de um processo de mudança de atitudes e comportamentos com relação ao ambiente, repensando sua presença no planeta como apenas mais uma espécie que deve respeitar todas as outras.

A práxis é sem dúvida a chave para um aprendizado sólido. As atividades vivenciadas na natureza de forma lúdica podem ser eficientes na formação de educadores que podem se reencontrar com o ambiente natural e aprimorar técnicas educativas adaptando a realidade de seus educandos.

OBJETIVOS

Os objetivos do presente trabalho científico foram resgatar, analisar, discutir e sintetizar os principais referenciais bibliográficos de obras e autores contemporâneos consagrados. Caracteriza as principais abordagens contemporâneas sobre a prática de vivências integradas a natureza e destaca a práxis que apresenta significativos resultados no que diz respeito a formação dos educadores. Relata uma experiência da importante contribuição das dinâmicas de vivências integradas a natureza para formação de educadores ambientais e, ressalta a necessidade das pesquisas sobre a influência positiva do lúdico em qualquer faixa etária para ampliar o contato proveitoso com a natureza.

METODOLOGIAS

Adotou-se a metodologia qualitativa-descritiva de levantamento, análise e discussão de referenciais bibliográficos contemporâneos sobre os pontos relevantes da temática proposta. Destacou-se as principais importâncias, aplicações e relações da educação ambiental para a formação de educadores. Evidenciou-se o uso de dinâmicas e vivências integradas a natureza como metodologia de ensino eficiente. Relatou-se a experiência dos autores na docência do curso de qualificação profissional em Educação Ambiental oferecido na Universidade Federal de Lavras, nas aulas presenciais do curso a carga horária é dividida em aulas práticas e teóricas, desta forma tornou-se possível comparar as reações dos alunos nestes dois momentos diferentes que apregoavam o mesmo objetivo.

DESENVOLVIMENTO DO TEMA

Educação Ambiental e seu papel

De acordo com FRITZSONS & MONTOVANI (2004) o objetivo da educação ambiental é a conservação da natureza por indivíduos conscientes do seu papel como agentes da história do planeta. Para isto, a educação ambiental deve ser capaz de extrapolar as relações comumente existentes de exploração que permeiam as relações entre os homens, e atingir uma compreensão que vai além dos valores normalmente conhecidos.

O artigo 225 da nossa Carta Magna define claramente esta responsabilidade compartilhada: "Todos têm o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações". É preciso lembrar que quando citamos a conservação ambiental como prioridade devemos nos atentar a realidade vivida no planeta, os problemas ambientais são reflexo de graves problemas da sociedade, podemos discutir alguns como:

- Distribuição populacional: Sabemos que os países considerados Terceiro Mundo concentram massas populosas. O crescimento populacional nestes países é acelerado, faltam programas educativos de programação familiar. Deste problema desencadeiam muitos outros;

- Fome: Já no século XVIII MALTHUS (1798) descrevia "a produção de alimentos cresce em progressão aritmética e a população em progressão geométrica, gerando fome e miséria";

- Serviços de saúde e de saneamento básico: a deficiência no fornecimento de saneamento básico decorre em maior propagação de doenças e enfermidades, desta forma serviços de saúde, já precários, não atendem a crescente demanda;

- Crise na educação: tanto a educação formal como a informal estão em crise. As relações alunos- alimentação- rendimento e magistério- salários são deficitárias. As taxas de evasão escolar são elevadas. A rede pública está sobrecarregada e o índice de analfabetismo é alto. A desvalorização do magistério reflete na ausência de incentivos à reciclagem, crise de formação e excesso de horas de trabalho;

- Disseminação da pobreza: as diferenças sociais formam um abismo entre os que possuem grande poder de consumo e os que vivem miseravelmente.;

- Mercado de trabalho: A mecanização assume o posto de milhões de trabalhadores. As taxas de desemprego sobem assombrosamente;

- Relações de consumo: o incentivo e apelo ao consumo transforma os valores sociais em "ter" e distanciam a sociedade do valor primordial: "ser". Com aumento

deliberado do consumo se promove, dentre outros problemas, uma grande produção de resíduos sólidos, o lixo é um dos principais inconvenientes nos grandes centros urbanos;

- Integração social: falta de políticas eficientes de integração social determina a necessidade urgente de atitudes na defesa da cidadania (luta contra a corrupção e a sonegação fiscal), justiça (funcionamento mais eficaz para os grupos de menor renda) e segurança pública (eliminação da impunidade, o combate ao crime organizado e ao tráfico de drogas).

Discutindo estes graves problemas sociais e suas prováveis soluções chegamos a um consenso, só a educação é capaz de desencadear uma transformação nesta realidade.

Educadores e educadores ambientais

Quando falamos de educadores logo nos reportamos a aqueles profissionais ligados a educação formal, porém podemos entender “educadores” como todos aqueles que podem construir o conhecimento seja através da educação formal, não-formal ou informal.

Quando a sociedade assume o papel de educadora a responsabilidade de educar não fica apenas com a escola. Pais, familiares, populares, agentes da saúde, políticos, professores, entre outros se imbuem neste papel.

A educação ambiental é vista como uma modalidade da educação, princípio pelo qual BRUGGER (1994), não compartilha, uma vez que o pressuposto desta idéia é a de que a educação tradicional não tem sido ambiental. O correto seria que a educação incorporasse o “ambiental”. Esta visão é compartilhada por GONÇALVES (1990), citado por GUIMARÃES (1995), que a conceitua da seguinte forma: “é um processo longo e contínuo de aprendizagem, de uma filosofia de trabalho participativo, em que todos, família, escola e comunidade, devam estar envolvidos”.

Para FRITZSONS & MONTOVANI (2004) o poderia ser um tema gerador ou um fio condutor, ou seja, a degradação do ambiente, se aduzia em um caráter essencialmente técnico, que mais se assemelha a um adestramento, em vez de educação, que ocorre em diferentes áreas, inclusive no ensino formal no Brasil, em diferentes níveis. De acordo com BRUGGER (1994), a educação adestrante é uma forma de adequação do indivíduo ao sistema social vigente. Isto não quer dizer que a adequação seja ruim, mas o que se deseja criticar é uma estrutura social injusta.

MARCUSE (1982) citado por BRUGGER (1994), define adestramento da seguinte forma: *um tipo de instrução onde as pessoas são levadas a executar determinado tipo de função ou tarefa, identificadas com um determinado padrão utilitarista-unidimensional de pensamento-ação, onde as aspirações e os objetivos, que por seu conteúdo transcendem o universo estabelecido da palavra e da ação, são reduzidos a termos desse universo.*

FRITZSONS & MONTOVANI (2004) discutem que a educação adestradora se alicerça em uma visão do mundo, incluindo a de ciências, de tecnologia e de sociedade que é essencialmente consensual e, portanto vazia epistemologicamente.

Assim, a educação pode ser vista como mitigadora do processo de degradação e também co-responsável pela destruição, pois como afirma BRUGGER (1994), as organizações escolares, como organismos de produção cultural, nasceram e se desenvolveram sob a ideologia da sociedade industrial, produzindo e perpetuando seus valores. E, dentro desta tradição, o pensamento tende a ser unidirecional, o conhecimento é esfacelado e o homem é colocado em oposição à natureza.

A separação da teoria e prática, segundo a autora, que ocorre em grande parte dos currículos escolares, ainda transite uma fé acrítica na ciência e na tecnologia como forma de alcançar o desenvolvimento sustentável. Assim, caso o enfoque da educação ambiental seja apenas teórico ou técnico correrá o risco de adestrar FRITZSONS & MONTOVANI (2004)

GUIMARÃES (1995), coloca que é necessário o exercício da práxis na EA, pois apenas a ação gera um ativismo sem profundidade, enquanto que a reflexão gera uma imobilidade que não cumprirá com a possibilidade transformadora da educação. Assim, a solução seria realizar um verdadeiro diálogo entre a atitude reflexiva e com a ação da teoria com a prática, ou seja, o pensar com o fazer. Este processo fortalece o homem e o possibilita interferir na realidade

Assim, a educação, incluindo a EA, para ser efetiva não pode ser algo verticalizado do tipo educador-educando, mas sim reflexivo, construído, como afirmou FREIRE (1983): *“Deste processo, advém um conhecimento que é crítico, porque foi obtido de uma forma autenticamente reflexiva, e implica em ato constante de desvelar a realidade, posicionando-se nela. O saber construído dessa forma percebe a necessidade de transformar o mundo, porque assim os homens se descobrem como seres históricos”*.

O Lúdico

O lúdico tem sua origem na palavra latina "ludus" que quer dizer "jogo". Se confinado a sua origem, o termo lúdico estaria se referindo apenas ao jogar, ao brincar, ao movimento espontâneo. A evolução semântica da palavra "lúdico", entretanto, não parou apenas nas suas origens e acompanhou as pesquisas de Psicomotricidade. O lúdico passou a ser reconhecido como traço essencial de psicofisiologia do comportamento humano. De modo que a definição deixou de ser o simples sinônimo de jogo. As implicações da necessidade lúdica extrapolaram as demarcações do brincar espontâneo (ZACHARIAS, 2007)

Passando a necessidade básica da personalidade, do corpo e da mente. O lúdico faz parte das atividades essenciais da dinâmica humana. Caracterizando-se por ser espontâneo

funcional e satisfatório..

Segundo LUCKESI citado por ZACHARIAS (2007) são aquelas atividades que propiciam uma experiência de plenitude, em que nos envolvemos por inteiro, estando flexíveis e saudáveis. Para SANTIN citado pela mesma autora, são ações vividas e sentidas, não definíveis por palavras, mas compreendidas pela fruição, povoadas pela fantasia, pela imaginação e pelos sonhos que se articulam como teias urdidas com materiais simbólicos. Assim elas não são encontradas nos prazeres estereotipados, no que é dado pronto, pois, estes não possuem a marca da singularidade do sujeito que as vivencia.

Na atividade lúdica, o que importa não é apenas o produto da atividade, o que dela resulta, mas a própria ação, o momento vivido. Possibilita a quem a vivencia, momentos de encontro consigo e com o outro, momentos de fantasia e de realidade, de resignificação e percepção, momentos de autoconhecimento e conhecimento do outro, de cuidar de si e olhar para o outro, momentos de vida.

Atividades lúdicas na natureza e sua eficiência

Os estudos de CORNELL (1997) propõe cinco regras do ensinamento ao ar livre dirigidas a guias, monitores e educadores em geral que pretendem acompanhar algum grupo: ensine menos e compartilhe mais; seja receptivo; concentre a atenção no grupo; observe e sinta primeiro, fale depois; crie um ambiente leve, alegre e receptivo.

Os princípios básicos subjacentes a essas regras são: interdependência, complementaridade, respeito, diversidade, cooperação, flexibilidade, sensibilidade, interesse e responsabilidade.

Com base nesses princípios, o autor desenvolveu a metodologia denominada *aprendizado sequencial*, visando a organizar as atividades, auxiliando o educador que busca por mais e melhores interações com o meio ambiente, trabalhando com a percepção dos elementos naturais. Tal metodologia é composta por quatro estágios:

- 1) “Despertar o entusiasmo”;
- 2) “Concentrar a atenção”;
- 3) “Dirigir a experiência” e
- 4) “Compartilhar a inspiração.”

O autor propõe inúmeras atividades para serem desenvolvidas conforme a sequência dos estágios descritos; contudo, como ele mesmo alega, não se deve ficar “engessado” à ordem de tais princípios, pois o *aprendizado sequencial* não é um sistema rígido, permitindo que as atividades de cada estágio sejam adaptadas conforme o perfil e o interesse do grupo acompanhado.

MARINHO (2004) comenta que dessa forma, tais intervenções podem, de maneira

interessante, ser visualizadas no acompanhamento de grupos que praticam atividades de aventura na natureza, uma vez que infelizmente, grande parte das empresas responsáveis pelo desenvolvimento das atividades, muitas vezes, transmite poucas informações (ou nenhuma) para além dos aspectos práticos propriamente ditos. Este fato pode comprometer a experimentação de uma pessoa que, por exemplo, nunca tenha passado por esses tipos de situações, as quais envolvem um grande controle informacional do corpo, uma intensa proximidade com a natureza e uma maximização dos sentidos, entre outros fatores.

Tais argumentações se comprovam quando são observados mais atentamente os conteúdos transmitidos nos cursos voltados aos profissionais de atividades de aventura. Seria interessante, então, que nos conteúdos a serem transmitidos aos educadores ambientais fossem acrescentados outros elementos referentes a uma dimensão educativa mais sólida e lúdica com relação à natureza, o que não se limita a seus aspectos meramente práticos.

Sugerir que as visitas à natureza estejam atreladas a processos educativos ou outras formas de intervenção torna-se importante quando se reconhece a necessidade da promoção de práticas mais sensíveis e conscientes, capazes de despertar nos sujeitos novas atitudes que contribuam, em um sentido mais amplo, para a qualidade de vida humana na Terra.

Relato da experiência dos autores na formação de educadores ambientais

O curso de qualificação profissional em Educação e Conservação Ambiental é oferecido na Universidade Federal de Lavras- UFLA. O curso à distancia exige formação completa no ensino médio e é aberto a comunidade em geral.

Tem como objetivos estimular a análise e reflexão sobre os principais problemas ambientais. Fornecer subsídios teóricos e práticos sobre a importância da natureza, considerados lastro de conhecimento científico para despertar a percepção ambiental, embasar a conscientização ambiental, efetivar a conservação e, promover a formação, capacitação e atuação de profissionais em programas e projetos de Educação Ambiental.

As disciplinas oferecidas são: Percepção e conscientização ambientais e Educação e conservação ambientais.

Durante as aulas presenciais do curso dividimos as aulas em teóricas e práticas.

Podemos observar durante a condução das atividades que durante as atividades práticas em sala e em ambiente natural há maior facilidade em se estabelecer a troca entre educador e educandos.

A postura dos alunos perante as aulas teóricas é de desentusiasmo, mesmo com utilização de recursos audio-visuais avançados em aulas participativas, percebemos a

apatia com a condição “observador”. A simples condição de estar em sala de aula já traz uma carga aos alunos de passividade.

Ao contrário desta postura, quando a participação dos alunos é efetiva na prática de atividades lúdicas e de vivências integradas a natureza a motivação, entusiasmo, troca e entrega dos alunos aos temas propostos é facilmente observada.

De acordo com MARINHO (2004) pode-se observar a manifestação do lúdico em sua essência e, por conseqüência, podem ser efetivadas positivas mudanças de atitudes e comportamentos referentes ao estar *na* e *com* a natureza.

Durante a condução das dinâmicas é estabelecida uma forte cumplicidade do praticante com o seu corpo, com seus parceiros e com a natureza, momento no qual se alcança uma genuína experiência lúdica.

MARINHO (2004) ressalta que o ato de compartilhar, portanto, também delinea as características de uma atividade lúdica. Inúmeras são as possibilidades de utilização de dinâmicas, cabendo ressaltar que todas elas, de forma genérica, podem ser utilizadas visando a uma experimentação mais intensa das atividades de aventura. As mesmas podem ser adaptadas, conforme o perfil do grupo, a faixa etária e os objetivos almejados.

As atividades desenvolvidas com os alunos são adaptadas a cada grupo embasadas no trabalho de CORNELL (2005) *Vivências com a natureza*, e no trabalho de TELLES *et. al.* (2002) *Vivências integradas com o meio ambiente*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Precisamos observar com maior cuidado a relação homem/ natureza, não poemos atribuir os problemas ambientais ao individuo. A falta de ética não se restringe ao indivíduo, mas faz parte de uma lógica que abrange toda a sociedade.

Para FRITZSONS & MONTOVANI (2004) a questão ambiental não é apenas a história da relação entre o homem como ser social e a natureza, mas também da exploração do homem pelo homem. A sociedade industrial e não ambiental, se caracteriza por uma desigualdade social provavelmente inédita em toda a história.

O enfoque centrado no homem como ser supremo, ator principal da história planetária, onde apenas seu destino é o que deve ser levado em consideração precisa ser superado.

FRITZSONS & MONTOVANI (2004) citam FREIRE (1983), que afirma que: “*Não há educação sem amor e sem esperança*”. Assim, na EA além de uma visão crítica da realidade, da incorporação da dimensão do conflito e a despeito do pessimismo de muitos, quanto ao futuro do planeta, o educador deve manter a esperança, pois toda verdadeira educação deve ser transformadora e se acreditar transformadora.

Aprender brincando. E porque não?

É nítido que as metodologias tradicionais de ensino estão obsoletas, são coniventes ao atual padrão e desenvolvimento e má utilização de recursos naturais.

Mudar estes paradigmas são o dever daqueles que ainda acreditam na sobrevivência do planeta e ainda acham possível transformar padrões sociais enraizados em desenvolvimento econômico em aprimoramento pessoal e harmônico ao meio que vivemos.

De acordo com GUIMARÃES (1995), a ampliação da consciência não passa pela perda da consciência individual, mas incorpora nesta os valores de união e solidariedade, de cooperação da vida como um todo, em seu dinâmico equilíbrio planetário. Assim, o indivíduo não é somente uma parte, mas é também natureza se percebendo consciente.

“Confirma-se na EA o lema: “agir localmente e pensar globalmente, ressaltando-se que este agir e pensar não devem ser separados, mas constituem a práxis da EA que atua consciente da globalidade que existe em cada local e /ou indivíduo, consciente de que a ação local e /ou individual agem sincronicamente no global, superando a separação entre local e global, entre indivíduo e natureza, alcançando uma consciência planetária que não é apenas compreender, mas também sentir-se e agir integrado a esta relação: ser humano / natureza; adquirindo assim, uma cidadania planetária” GUIMARÃES (1995)

BIBLIOGRAFIAS CITADAS

ALVES, R, **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez. 1984. 108p.

BRUGGER, P. **Educação ou adestramento ambiental**. Coleção teses. Letras contemporâneas. Ilha de Santa Catarina: 1994. 141p.

CORNELL, J. **A alegria de aprender com a natureza**. São Paulo, Senac, Melhoramentos, 1997.

_____ **Vivências com a natureza: guia de atividades para pais e educadores**. São Paulo: Aquariana, 2005

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 79p. 11ed.

_____ **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000

FRITZSONS, E.; MANTOVANI, L. E. **A educação ambiental e a conservação da**

natureza. Educação Ambiental Em Ação, Disponível em: www.revistaea.arvore.com.br, v. 1, n. 1, p. 1-7, 2004.

GUIMARÃES, M. **A Dimensão Ambiental Na Educação**. Campinas, Sp: Papyrus, 1995 (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico). 1995. 107p.

MALTHUS, T. R. **An Essay on the principle of Population** (1798), pag. 13, 14. Oxford University Press, 1999.

MARINHO, A. **O lúdico e a natureza**. In: II Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade ANPPAS, 2004, Indaiatuba (SP), 2004.

TELLES, M. Q.; ROCHA, M. B.; PEDROSO, M. L.; MACHADO, S. M.C. **Vivências integradas com o meio ambiente**. Práticas de educação ambiental para escolas, parques, praças e zoológicos. Sá Editora, 2002.

ZACHARIAS, V. L. C. F, **O lúdico na educação infantil**, Disponível em: <http://www.centrorefeducacional.com.br/ludicoeinf.htm>, Acesso em: 14 de setembro de 2007

PALAVRAS-CHAVE: vivência; dinâmica; lúdico